

Edição especial da Science alerta para Sexta Grande Extinção

29 de Julho, 2014 - 14:04h

Numa coletânea de estudos sobre a crise e os desafios do imenso número de extinções causadas pelos humanos, a revista ressalta as implicações da 'defaunação' dos ecossistemas.

A triste conclusão de que as nossas florestas, além de estarem num processo contínuo de desmatamento, estão vazias, cada vez mais depauperadas da vida que as constitui, é o foco de uma série especial da revista *Science* [1].

A publicação chama a atenção para um termo que deve tornar-se cada vez mais conhecido, a 'defaunação': a atual biodiversidade animal, produto de 3,5 mil milhões de anos de evolução, apesar da extrema riqueza, está a decair a níveis que podem estar a alcançar um ponto sem volta.

Segundo cientistas, tal perda parece estar a contribuir com o que classificam como o início do sexto evento de extinção biológica em massa ? ao contrário dos outros, que tiveram causas naturais, nós seríamos os culpados, devido às chamadas atividades antrópicas.

?Muito permanece desconhecido sobre a 'defaunação do antropoceno'; essas brechas no conhecimento prejudicam a nossa capacidade de prever e limitar os seus impactos. Porém, claramente, a defaunação é tanto um componente perverso da sexta extinção em massa do planeta quanto uma grande causadora da mudança ecológica global?, concluíram investigadores no artigo '*Defaunação no Antropoceno*' [2].

Na abertura da revista, um dos editores, Sacha Vignieri, lembra que, há alguns milhares de anos, o planeta servia de lar para espetaculares animais de grande porte, como mamutes, tartarugas gigantes, tigres-dente-de-sabre, entre outros.

Porém, evidências apontam o ser humano como o grande culpado pelo desaparecimento desses animais, afirma o editor.

E infelizmente, a tendência parece longe de mudar, e com ela, toda uma série de funções dos ecossistemas, das quais depende a nossa vida, são alteradas de formas dramáticas.

Como mostram os artigos na *Science*, os impactos da perda da fauna vão desde o empobrecimento da cobertura vegetal até a redução na produção agrícola devido à falta de polinizadores, passando pelo aumento de doenças, a erosão do solo, os impactos na qualidade da água, entre outros. Ou seja, os efeitos da perda de uma única espécie são

sistêmicos.

Números



De acordo com o estudo '

Defaunação no Antropoceno [2]', as populações de vertebrados declinaram numa média de mais de um quarto nos últimos quarenta anos. Isso fica extremamente evidente quando qualquer um de nós caminha nos remanescentes de Mata Atlântica: é realmente muito difícil encontrar animais de médio e grande portes.

Pelo menos 322 espécies de vertebrados foram extintas desde 1500, e esse número só não é maior porque não conhecemos todas as espécies que já habitaram ou ainda residem nas nossas florestas.

Se a situação é complicada para os vertebrados, que são muito mais conhecidos, é angustiante imaginar o tamanho da crise para os invertebrados, como os insetos, muito menos estudados.

"Apesar de menos de 1% das 1,4 milhões de espécies de invertebrados descritas terem sido avaliadas quanto à ameaça pela IUCN, das analisadas, cerca de 40% são consideradas ameaçadas?", afirma o estudo.

Solução?



Certamente, a resolução dessa crise

do Antropoceno não é simples.

As causas dessas perdas são bem conhecidas ? caça, fragmentação dos habitats, uso de agrotóxicos, poluição, etc. ?, e as tentativas para reverter essas tendências estão a aumentar, como a reintrodução da fauna.

No artigo Revertendo a defaunação: restaurando espécies num mundo mutante [3], os investigadores reveem uma série de translocações conservacionistas, como o reforço, a reintrodução e métodos mais controversos que buscam restaurar populações fora do seu habitat natural ou substituir espécies extintas.

Os autores escrevem [4] que a meta mais tradicional, de ter populações selvagens autosustentadas em paisagens pristinas intocadas pela influência humana, é ?cada vez mais inalcançável?. Assim, eles sugerem que criar a ?selva?, em vez de restaurá-la, é o caminho mais prático para avançar.

Entretanto, os desafios para reverter as extinções estão a mostrar-se muito desafiadores, e as investigações atuais mostram que, ?se não conseguirmos acabar ou reverter as taxas dessas perdas, significará mais para o nosso futuro do que apenas corações desiludidos ou uma floresta vazia?, disse Vignieri, o editor do especial na Science.

Rodolfo Dirzo, professor da Universidade de Stanford ? um dos autores de Defaunação no Antropoceno ?, argumenta [5] que reduzir imediatamente as taxas de alteração dos habitats e a sobre-exploração ajudaria, mas que isso precisaria ser feito de acordo com as características de cada região e situação.

Ele espera que a sensibilização sobre a atual extinção em massa e as suas consequências ajude a desencadear mudanças.

Os animais importam para as pessoas, mas no equilíbrio, eles importam menos do que a alimentação, emprego, energia, dinheiro e desenvolvimento. Enquanto continuarmos a enxergar os animais nos ecossistemas como tão irrelevantes para essas necessidades básicas, os animais perderão?, disseram Joshua Tewksbury e Haldre Rogers no artigo ? Um futuro rico em animais [6].

*Artigo de **Fernanda B. Müller** do Instituto CarbonoBrasil [7]*

Sobre o/a autor(a):

- Biblioteca
- Agenda
- Jornal Esquerda
- Blogosfera
- Comunidade
- Revista Vírus
- Wikifugas
- Ficha Técnica

URL de origem: <http://www.esquerda.net/artigo/edicao-especial-da-science-alerta-para-sexta-grande-extincao/33561>

Ligações:

- [1] <http://www.sciencemag.org/site/special/vanishing/index.xhtml>
- [2] <http://www.sciencemag.org/content/345/6195/401.abstract>
- [3] <http://www.sciencemag.org/content/345/6195/406.abstract>
- [4] <http://www.otago.ac.nz/news/news/otago075831.html>
- [5] <http://news.stanford.edu/pr/2014/pr-sixth-mass-extinction-072414.html>
- [6] <http://www.sciencemag.org/content/345/6195/400.summary>
- [7] <http://www.institutocarbonobrasil.org.br/noticias6/noticia=737751>